

**V SEMINÁRIO
INTERNACIONAL**
de Língua, Literatura
e Processos Culturais



08 a 10
DE NOVEMBRO
2022

CAMPUS-SEDE
Universidade
de Caxias
do Sul

SIMPÓSIO TEMÁTICO 20

RESIDUALIDADE NA LITERATURA E NA CULTURA

Coordenadoras: Dra. Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM), Dra. Cássia Alves da Silva (IFCE) e Dra. Mary Nascimento da Silva Leitão (UECE)

E-mail para envio das propostas: casilvana@yahoo.com.br

Resumo:

A Teoria da Residualidade, sistematizada por Roberto Pontes, que tem a ver com tudo que remanesce de uma cultura em outra. Segundo Mary Nascimento (2013, p. 89), a Residualidade é um método investigativo que busca apontar em determinada época certos vestígios de um período anterior. Assim, alguns aspectos de comportamento e cultura vivos, tidos como pertencentes a um dado período, são dados passíveis de serem retomados por uma pessoa ou por um determinado grupo de forma consciente ou inconsciente em outra época. Entretanto, a Residualidade não se propõe apenas a identificar vestígios; de certo, se assim fosse, não teria status de teoria. Ela vai além, pois procura explicar de que forma os modos de agir, de pensar e de sentir de determinado(s) indivíduo(s) foram parar noutras formações culturais e literárias em tempo posterior. Desse modo, a identificação dos vestígios de outra época faz sentido ao se compreender o caminho seguido por esses vestígios e o modo como eles atravessaram o tempo e o espaço para adentrar e construir o modo de pensar de povos de diferentes lugares e culturas. Isto mostra a complexidade dos modos de ser de uma determinada sociedade, mas também concorre para melhor entendimento das características de um povo. Para compreender como certos vestígios transpõem os limites do espaço e do tempo onde residem inicialmente, o método residual parte de alguns conceitos. Nos primeiros estudos que fez acerca da Residualidade, Roberto Pontes (1999) aponta os conceitos que norteiam a teoria: a mentalidade, o resíduo, a hibridação cultural e a cristalização. Depois acrescenta os conceitos de imaginário e endoculturação (2006). O resíduo, embora tenha sido formado no passado, no presente ele é o núcleo de um novo imaginário. Sua presença é tão intensa que parece fazer parte do tempo presente e isso apenas comprova sua força atemporal,

que o faz continuar vivo e nítido e ser sempre contemporâneo. Consequentemente, não deve ser visto como algo arcaico, que serve apenas para ser apreciado em museus. Pelo contrário, o resíduo não é apreciado, é vivido e sentido. Para ser considerado resíduo, é intrínseca sua utilidade na cultura em que está inserido. Trata-se de um elemento de força que, tendo vencido todas as dificuldades proporcionadas pelas mudanças do tempo, permanece atuante e vigoroso, muitas vezes contribuindo para a formação de “novas” culturas, de “novas” identidades. Tomando a ideia de identidade proposta por Stuart Hall (2002), podemos afirmar ser ela instável, construída historicamente, formada e transformada conforme o contexto em que o sujeito ou grupo se inserem. Assim, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (HALL, 2002, p.13). Essa pluralidade motiva a construção de identidades híbridas que tanto se manifestam de modo individual, a partir do processo de endoculturação (PONTES, 2006a), como de maneira coletiva, de acordo com a concepção de hibridação cultural (BURKE, 2003). Com base nesta fundamentação, este simpósio acolhe trabalhos nos quais se discuta, em obras de autores do Brasil e do mundo: as remanescências do imaginário medieval, ou de outros períodos históricos, sobre a mulher, em prosa, a fim de compreender de que modo aquilo que remanesce do imaginário em questão afeta as personagens femininas e/ou masculinas das obras; a poesia residual em análises; os elementos culturais e os processos de endoculturação e hibridação cultural e de construção de identidade presentes; análises literárias com diálogos possíveis da residualidade com outras teorias literárias e/ou de outras áreas do conhecimento, em perspectiva complexa; resultados de práticas sistematizadas de leitura literária com interpretações sobre as mudanças no tempo.

REFERÊNCIAS:

- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco. São Paulo: L & PM, 2010.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LEITÃO, Mary Nascimento da Silva. *Representações femininas residuais na lírica de Vinicius de Moraes*. 2013, 176 f.
- PIÑON, Néida. *Filhos da América*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa*. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.
- PONTES, Roberto. “Cultura, arte e linguagem”. Palestra proferida na mesa redonda

“Cultura, arte e linguagem” na V semana de Letras. 2006. Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

PONTES, Roberto. Cultura, arte e linguagem. Palestra proferida na mesa redonda de título homônimo, na V Semana de Letras. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Curso de Letras, 2006a.

WILLIAMS, Raymond. “Dominante, residual e emergente”. In: *Marxismo e Literatura* / Tradução de Waltemir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.